

# A Misericórdia na Tradição da Igreja

Sede misericordiosos como o Pai

## **Resumo**

*Na introdução é explicada a noção católica de Tradição que, ao mesmo tempo, diz respeito à doutrina e à vida da Igreja. – O 1º capítulo apresenta, sob aspecto doutrinal, a Misericórdia divina à luz da Santíssima Trindade, como sendo ligada tanto ao amor como à Onipotência de Deus. – O 2º capítulo trata da prática da misericórdia na Igreja desde o tempo dos Apóstolos e como se desenvolveu depois, principalmente durante o 1º milênio. – O 3º capítulo oferece uma interpretação da parábola do Filho pródigo, começando com uma exegese de S. Agostinho. Esta parábola, também chamada do Pai misericórdioso, ilumina tanto o dinamismo da conversão / penitência cristã, como também o ministério pastoral do Confessor, ministro da misericórdia por excelência.*

## **Summary**

*In the introduction, the Catholic notion of Tradition is explained both as it concerns the doctrine and life of the Church. – The 1st chapter presents, under the doctrinal aspect, the notion of Divine Mercy in the light of the Holy Trinity, as being linked to both the love and the omnipotence of God. – The 2nd chapter deals with the practice of mercy in the Church since the time of the Apostles and as developed later, especially during the 1st millennium. – The 3rd chapter provides an interpretation of the parable of the Prodigal Son, beginning with an exegesis of St. Augustine. This parable, also called the merciful Father, illuminates both the dynamism of conversion / Christian penance, as well as the pastoral ministry of the confessor, minister of mercy par excellence.*

\* \* \*

## Introdução: O que é a Tradição da Igreja?

O nosso tema coloca a Misericórdia no contexto da Tradição da Igreja. O que é esta Tradição, em que consiste? Eis o que explica a Constituição dogmática sobre a Revelação divina *Dei Verbum* do Concílio Vaticano II:

O que foi transmitido pelos Apóstolos abrange tudo quanto contribui para a vida santa do Povo de Deus e para o aumento da sua fé e, assim, a Igreja, na sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo o que ela é, tudo o que ela crê (DV 8,2).

A Tradição da Igreja, portanto, abrange a fé e a vida do Povo de Deus, Liturgia e santidade, tanto a doutrina como o ser e agir da Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica.

O parágrafo seguinte apresenta esta Tradição como realidade *dinâmica*: “Esta Tradição, oriunda dos Apóstolos, progride na Igreja sob a assistência do Espírito Santo. Cresce, com efeito, a compreensão tanto das realidades como das palavras” (DV 8,3), pela contemplação, o estudo e a experiência espiritual dos fiéis, como pela pregação e o ensino do Magistério hierárquico. Tal “compreensão” tem seu fundamento no senso sobrenatural da fé, “que é despertado e sustentado pela ação do Espírito da Verdade” (LG 21,1; cf. 1Jo 2,20-27). Ele não somente faz com que os fiéis penetrem mais profundamente com juízo acertado a Palavra de Deus, mas também *aplicam-na mais plenamente na vida* (cf. LG 12,1).

O texto conciliar acima citado diz que a Tradição progride “sob a assistência do Espírito Santo”. Ele é o Espírito da *Verdade* que recorda tudo que o Senhor Jesus fez e ensinou (cf. Jo 14,26), que conduz a Igreja em toda a verdade (cf. Jo 16,13). Ele é o *Amor* de Deus derramado em nossos corações (Rm 5,5), sendo a Misericórdia fruto desse Amor (cf. CIC 1829).

Este artigo terá três partes ou capítulos:

- I. Vamos relacionar, primeiro, a Misericórdia com o Espírito Santo, que é a alma da Igreja e o “motor” da Tradição viva – prevalece o aspecto doutrinal .
- II. Depois olhamos para a Misericórdia na missão e na vida da Igreja desde os primórdios, principalmente na diaconia da caridade (obras da misericórdia).
- III. Finalmente, refletimos sobre a mensagem da parábola do filho pródigo para a vida cristã e o nosso ministério pastoral.

## I. O Espírito Santo manifesta e personifica a Misericórdia divina

A Igreja invoca a terceira Pessoa da Santíssima Trindade

- como Espírito Criador (*Veni, Creator Spiritus*; cf. Gn 1,2 e CIC 703);
- como Doador de vida (*Dominum et Vivificantem*: Credo niceno-constantinopolitano).
- como “Fonte de todo bem” (cf. CIC 291).

### 1. A Misericórdia é a raiz de todas as obras de Deus

Já antes de a criatura humana cair no pecado e na miséria espiritual e corporal, os caminhos de Deus são “misericórdia e verdade” (cf. Sl 25,10), a começar com a criação do universo. Deus

não pode realizar algo que não esteja de acordo com Sua Sabedoria e Sua Bondade; isto é, do modo como... algo é devido a Deus. Assim, também tudo que realiza nas criaturas, o faz sempre segundo a ordem e a medida convenientes; nisso consiste a razão de *justiça*...

A obra da justiça divina pressupõe sempre uma obra de misericórdia e se funda sobre ela. Pois nada é devido à criatura, a não ser em razão de algo preexistente ou pressuposto... Não podendo remontar até o infinito, deve-se chegar a algo que depende da única bondade da vontade divina... Assim, *em toda a obra de Deus* aparece, como sua *raiz primeira, a misericórdia* (S. Tomás, *Suma teol.* I, q. 21, a. 4).

No primeiro Manuscrito da *História de uma alma*, Santa Teresinha escreve:

A mim, Deus deu-me a Sua *misericórdia infinita* e é *através dela* que contemplo e adoro *as outras perfeições divinas!* É então que todas me parecem irradiantes de amor, até a sua justiça (e até talvez mais do que qualquer outra) me parece revestida de amor. Que doce alegria pensar que o Bom Deus é Justo, isto é, que tem em atenção as nossas debilidades e que conhece perfeitamente a fragilidade da nossa natureza. Portanto, de que posso ter medo? (*Ms A*, 83v-84v, apud: *Santos*, 20).

Assim, a razão teológica do Mestre de teologia e a “experiência espiritual” (cf. DV 8) da doutora da Igreja convergem. O Padre Antonio Sicari comenta “que os teólogos devem, cedo ou tarde, descobrir que o ato da criação é o primeiro ato divino de misericórdia” (*Santos*, 23). O que hoje é para descobrir já está presente no raciocínio teológico de Santo Tomás que chegou à conclusão, que “em toda a obra de Deus aparece, como sua raiz primeira, a misericórdia”.

Deus é Amor (cf. 1Jo 4,8.16), e o Espírito Santo é este Amor personificado, derramado em nossos corações como Dom totalmente gratuito. Como a misericórdia é fruto do Amor (cf. CIC 1829 e 1832), o Espírito Santo é como que a Misericórdia de Deus em Pessoa. Isso é mais evidente quando se trata da Misericórdia de Deus para com os pecadores que Se revela na História da salvação:

- O divino Redentor é concebido pelo poder do Espírito Santo (cf. Lc 1,35).
- Sobre Ele repousa o Espírito do Senhor, quando, na sinagoga de Nazaré, proclama um Ano de misericórdia do Senhor (cf. Lc 4,16-21; *MisV*, 16).
- Ele expulsa os demônios “pelo Dedo de Deus” (Lc 11,20) e cura os doentes pela força (*dýnamis*) do Espírito Santo (cf. Lc 4,36; 5,17; 6,19 e 24,49).
- Finalmente oferece Sua vida a Seu Pai pelo Espírito Santo (cf. CIC 614).

Não é por acaso que o terceiro Evangelho sinótico, o de S. Lucas, fala mais frequentemente tanto da Misericórdia divina como da presença e ação do Espírito Santo.

## **2. Mistério trinitário da Misericórdia divina**

Na encíclica *Dominum et Vivificantem*, o papa S. João Paulo II penetrou no mistério trinitário da Misericórdia divina. O Espírito Santo,

é o Amor do Pai e do Filho; e, como tal, é Dom trinitário e a eterna fonte de toda a dádiva divina às criaturas. Nele, precisamente, nós podemos conceber *como que personificada* e atuada de uma maneira transcendente *a virtude da misericórdia*. . . Em Deus, o Espírito que é Amor faz com que a consideração do pecado humano se traduza em novas dádivas do amor salvífico. Dele, na unidade com o Pai e o Filho, nasce a Economia da salvação. Se o pecado, rejeitando o amor, gerou o sofrimento do homem que, de algum modo, se estendeu a toda a criação (cf. Rm 8,20-22), *o Espírito Santo entrará no sofrimento humano e cósmico com uma nova efusão de amor, que redimirá o mundo* (*DomV*, 39,3).

O papa explica a palavra do Senhor a respeito da missão do Paráclito: “Quando Ele vier, convencerá o mundo quanto ao pecado, à justiça e ao julgamento” (Jo 16,8):

O ‘convencer quanto ao pecado’, portanto, não deveria significar também revelar o sofrimento, revelar a dor, inconcebível e inexprimível, que, por causa do pecado, o Livro Sagrado, na sua visão antropomórfica, parece

entrevier nas ‘profundezas de Deus’ e, em certo sentido, no próprio coração da inefável Trindade?

A Igreja... crê e professa que o pecado é ofensa a Deus. O que é que, na imperscrutável intimidade do Pai, do Verbo e do Espírito Santo, corresponde a esta “ofensa”, a esta recusa do Espírito que é Amor e Dom?... “nas profundezas de Deus” há um amor de Pai que, diante do pecado do homem, reage, segundo a linguagem bíblica, até ao ponto de dizer: “Estou arrependido de ter criado o homem” (Gn 6,7)...

Mas o Livro Sagrado, mais frequentemente, fala-nos de um Pai que experimenta compaixão pelo homem, como que compartilhando a sua dor. Esta imperscrutável e indizível “dor” de Pai, em definitivo, gerará sobretudo, a admirável Economia do amor redentor em Jesus Cristo, para que através do “mistério da piedade”, o amor possa revelar-se mais forte do que o pecado, na história do homem. Para que prevaleça o “Dom”! (*DomV*, 39,2).

A Economia de salvação culmina na Morte e Ressurreição do Senhor Jesus Cristo. Ele, o Filho do Deus Vivo, cumprindo a vontade do Pai e ajudado pelo Espírito Santo (*Spirito Sancto cooperante*), pela Sua Morte deu a vida ao mundo (cf. Oração do celebrante antes da S. Comunhão). Ou, como diz a carta aos Hebreus: “Em virtude do Espírito Eterno, Cristo Se ofereceu a Si mesmo a Deus como Vítima sem mancha” (Hb 9,14).

Qual é o papel do Espírito Santo neste Sacrifício Único, que “realiza e supera todos os sacrificios”, dom do Pai “que entrega Seu Filho para reconciliar-nos consigo” (CIC 614)?

O Espírito Santo como Amor e Dom desce, em certo sentido, ao próprio coração do Sacrifício que é oferecido na Cruz... Ele consoma este Sacrifício como o fogo do Amor, que une o Filho ao Pai na comunhão trinitária. E dado que o Sacrifício da Cruz é um ato próprio de Cristo, também neste Sacrifício, Ele “recebe” o Espírito Santo. E recebe-O de tal modo, que depois Ele mesmo... O pode “dar” aos Apóstolos, à Igreja e à humanidade (*DomV*, 41,2).

### **3. Misericórdia e Onipotência de Deus**

No Símbolo da fé atribuímos a Deus Pai, antes de tudo, a Onipotência: “Creio em Deus, Pai Todo-poderoso, Criador do céu e da terra...” Como o *Catecismo da Igreja Católica* explica, Sua paternidade e Seu poder iluminam-se mutuamente. Com efeito, Ele *mostra Sua onipotência paternal* pela maneira como cuida das nossas necessidades [cf. Mt 6,32], pela adoção filial que nos outorga... (2Cor 6,18),

e, finalmente *por Sua misericórdia infinita*, pois mostra Seu poder no mais alto grau, perdoadando livremente os pecados (CIC 270).

O poder de Deus é, portanto, infinito, “nada Lhe é impossível [cf. Lc 1,37], e Ele o dispõe à vontade de Sua obra” (CIC 269). Mas Sua onipotência de modo algum é arbitrária, sendo ao mesmo tempo infinitamente justa, sábia, inteligente (cf. CIC 271). A Liturgia (romana) – testemunha privilegiada da sagrada Tradição – afirma: “Ó Deus, que manifestais o Vosso poder sobretudo na misericórdia (*Deus, qui omnipotentiam Tuam tam parcendo maxime et miserando manifestas*)” (Coleta do 26º Domingo do Tempo comum; cf. CIC 277). Citando esse texto, o papa Francisco explica que “Deus permanecerá para sempre na história da humanidade como Aquele que... é próximo, providente, santo e misericordioso”. A misericórdia divina não é, “de modo algum, um sinal de fraqueza, mas antes *a qualidade da Onipotência de Deus*” (*MisV*, 6,1).

No contexto imediato, o papa cita um trecho da *Suma teol.* de Santo Tomás: “É próprio de Deus usar de misericórdia e, nisto, se manifesta de modo especial a Sua onipotência” (por lapso, a nota de rodapé indica II-II, q. 30, a. 4, em vez de I, q. 25, a. 3, ad. 3<sup>m</sup>).

O doutor angélico oferece três razões por que a Onipotência divina se manifesta sobretudo perdoadando e praticando a misericórdia:

1. por essas ações, mostra-se que Deus tem o supremo poder: Ele perdoa livremente os pecados, não estando ligado à lei de um superior;
2. perdoadando os homens e praticando a misericórdia, Deus os conduz à participação do Bem infinito, que é o efeito supremo do poder divino;
3. como foi dito antes, o efeito da Misericórdia divina é o fundamento de todas as obras divinas, pois nada a ninguém é devido a não ser em razão daquilo que lhe foi dado gratuitamente por Deus. Ora, a onipotência divina se manifesta, sobretudo, em que a ela pertence à primeira instituição de todos os bens” (*Suma teol.* I, q. 25, a. 3, ad 3<sup>m</sup>).

Santo Tomás considera a misericórdia divina no seu “efeito”, ao passo que o aspecto afetivo de “compaixão” seria apenas uma metáfora (cf. *Suma teol.* I, q. 21, a. 3). De fato, “a concepção de Deus, como ser necessariamente perfeitíssimo, exclui, por certo, em Deus, qualquer espécie de sofrimento, derivante de carências ou feridas” (*DomV*, 39,2).

A misericórdia divina, no sentido de *compaixão*, é afirmada de modo surpreendente por Orígenes. Sem prejuízo da absoluta “impassibilidade”

(e imutabilidade) de Deus, claramente afirmada por ele, Orígenes escreve nas *Homilias sobre Ezequiel*:

Nem sequer o Pai é impassível. Se Lhe rezamos, *sente piedade e misericórdia, sofre de amor* e identifica-se nos sentimentos que não poderia ter, dada a grandeza da Sua natureza, e por nossa causa suporta os sofrimentos do homem (*Hom. in Ez. VI 6,119*, apud: *Padres*, 14s).

Igualmente, o Filho de Deus encarnou-Se por misericórdia:

O homem foi feito à semelhança da imagem d’Ele, e por isso o nosso Salvador, que é a Imagem de Deus, *movido pela misericórdia* para com o homem, que fora feita semelhante a Ele, vendo que... se revestia com a imagem do maligno..., assumindo a imagem do homem, veio junto dele (*Hom. in Gen. I 13,54s*, apud: *Padres*, 14).

Todas as paixões e afetos que se atribuem a Deus na S. Escritura devem-se entender como afetos de Seu amor: *Deus caritas est* (1Jo 4,8.16). Orígenes, porém, não explica como combinar tais “afetos” com a imutabilidade do Ser divino.

Ao tratar dos “efeitos” do ato de amor, S. Tomás explica a natureza da misticórdia que é compaixão pela miséria alheia:

Alguém se entristece ou se condói da miséria alheia, na medida em que a considera sua... pela união afetiva o que pode acontecer..., produzida pelo amor. Pois o amante considera seu amigo coma a Si mesmo, considera o mal dele como o seu próprio, condói-se do mal como se fosse seu (*Suma teol. II-II, q. 30, a. 2*).

Ora, se podemos atribuir a Deus a alegria pela conversão do pecador em sentido próprio, por que não a misericórdia? Ambos os efeitos provêm de Deus que é misericordioso por amor, por nos amar como criaturas Suas (cf. *Suma teol. II-II, q. 30, a. 2, ad 1<sup>m</sup>*). Seria então uma Misericórdia *por analogia* que inclui semelhança, por um lado, e dessemelhança por outro. A nossa virtude da misericórdia refletiria a infinita Misericórdia de Deus (“Sede misericordiosos *como o Pai*”; Lc 6,36). Mas esta, sendo infinita, transcende infinitamente o nosso conceito de misericórdia. É dogma de fé católica que “entre o Criador e a criatura não se pode notar uma semelhança, sem que se deva notar entre eles uma ainda maior dessemelhança” (Concílio de Latrão IV, em 1215: DH 806; cf. CIC 43).

O papa Bento XVI, na sua encíclica *Deus caritas est* não hesitou em falar do Amor “apaixonado” de Deus para com a criatura humana (cf. NATHANEL THANNER ORC, *Deus - “um amante com toda a paixão de um*

*verdadeiro amor*” [Bento XVI], em: *Sapientia Crucis* 10/2009, pp. 33-91; esp. 39-64: referente à misericórdia divina como “compaixão: pp. 64-84).

Neste mesmo sentido, a misericórdia de Deus pode-se entender, na sua origem divina, como verdadeira “com-paixao” – em sentido análogo. E quanto ao “efeito”, escreve o papa Francisco: “Perante a gravidade do pecado, Deus responde com a plenitude do perdão. A misericórdia será sempre maior do que qualquer pecado” (*MisV*, 3,2).

#### **4. A Misericórdia divina nos Sacramentos**

“Assim como o fogo transforma nele mesmo tudo o que toca, o Espírito Santo transforma em vida divina tudo o que é submetido a Seu poder” (CIC 1127; cf. CIC 696: o fogo como símbolo do Espírito Santo). Isso acontece em cada um dos sete sacramentos. Porque a graça sacramental “é a graça do Espírito Santo dada por Cristo e peculiar a cada sacramento. O Espírito Santo *cura* e transforma os que O recebem” (CIC 1129). Mencionamos apenas dois Sacramentos.

O santo Batismo, fundamento de toda a vida cristã e porta da vida no Espírito (cf. CIC 1213) proporciona, principalmente, “a purificação dos pecados e o novo nascimento no Espírito Santo” (CIC 1262). “A Santíssima Trindade dá ao batizado a graça santificante, a graça da justificação” (CIC 1266). Ora, a justificação “é a obra mais excelente do amor de Deus, manifestado em Cristo Jesus e concedido pelo Espírito Santo” (CIC 1994; cf. 1987ss). Santo Agostinho acha “que a justificação dos pecadores é uma obra maior que a criação dos anjos na justiça, pelo fato de testemunhar *uma misericórdia maior*” (CIC 1294).

O primeiro dom do Senhor ressuscitado aos Apóstolos é este: “Recebei o Espírito Santo. A quem perdoardes os pecados, serão perdoados...” (Jo 20,22s). Desde então, “a Igreja nos concede a misericórdia de Deus, que triunfa sobre todos os nossos pecados e age de modo especial no sacramento da Reconciliação” (CIC 2040; cf. 1468-1470). O Espírito Santo atua não somente no ministro que perdoa na pessoa de Cristo, mas igualmente no pecador arrependido que recebe esse perdão divino. O Espírito Santo é, Ele mesmo, a remissão dos nossos pecados (Liturgia Romana).

## **II. A Misericórdia na missão e na vida da Igreja**

“Como o Pai Me enviou também Eu vos envio” (Jo 20,21). “Eu enviarei sobre vós o que o Pai prometeu. Por, isso, permaneci na cidade até que



sejais revestidos da força do alto” (Lc 24,49), que é o Espírito Santo (cf. At 1,4-8). No Evangelho de S. Lucas, que desde o início sublinha a presença e ação do Espírito Santo, a missão da Igreja é assim caracterizada:

Assim está escrito: Cristo sofrerá e ressuscitará dos mortos ao terceiro dia, e no Seu Nome será anunciada a conversão, para o perdão dos pecados, a todas as nações, começando por Jerusalém. Vós sois as testemunhas destas coisas (Lc 24,46-48).

Quem transmite estas palavras do Senhor é o mesmo Evangelista que nos deixou a “trilogia da Misericórdia”, a saber, a parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-37), a ovelha e a moeda perdidas e reencontradas (Lc 15,1-10), a parábola do filho perdido e reencontrado (Lc 15,11-32). E a todos os discípulos, a nova justiça do Evangelho, a perfeição cristã (cf. Mt 5,48), é proposta nesses termos: “Sede misericordiosos como vosso Pai é Misericordioso” (Lc 6,36).

### **1. A novidade da Misericórdia evangélica**

O amor para com os inimigos era uma novidade para os *judeus* que tinham apreendido: “Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo” (Mt 5,43). A misericórdia cristã era, igualmente, uma novidade para os *pagãos*. Os sábios daquela época consideravam a compaixão e misericórdia como uma fraqueza. A corrente dominante do Estoicismo considerava a misericórdia até como uma doença (*aegritudo animi*). A emoção produzida pela compaixão era inconciliável com o ideal da imperturbabilidade (*ataraxia*).

O filósofo romano, Sêneca (1-65 d.C.) podia escrever:

O sábio poderá consolar aqueles que choram, mas *sem chorar com eles*; socorrerá o náufrago, dará hospitalidade ao proscrito e esmolas ao pobre... salvará o cativo da arena e até mesmo enterrará o criminoso – mas *em toda a sua mente* e no seu semblante *estará igualmente imperturbável*. Não sentirá compaixão. Socorrerá e fará o bem porque nasceu para assistir os seus semelhantes, para trabalhar pelo bem-estar da humanidade e para dar a cada um a sua parte... O seu rosto e a sua alma *não denunciarão nenhuma emoção* quando olhar para o aleijado, o esfarrapado, o encurvado e o mendigo esquelético e macilento. Mas ajudará aqueles que merecem e, como os deuses, será propício ao infeliz... *Só os olhos doentes* se umedecem ao verem lágrimas em outros olhos (apud Woods, 161s).

Que contraste com o comportamento do Filho de Deus! Ele chorou a morte de Lázaro, interiormente comovido (cf. Jo 11,33.35.38); chorou sobre a Sua cidade Jerusalém (cf. Lc 19,41) por ter resistido a Seu amor:

“Quantas vezes Eu quis reunir teus filhos como uma galinha reúne seus pintainhos debaixo das asas, mas não quiseste” (Mt 23,37; Lc 13,34); ficou interiormente perturbado por causa de Judas, o traidor (cf. Jo 13,21); sentiu pavor e angústia no Getsemani (cf. Mc 14,33s; Hb 5,7).

Sendo Jesus Cristo o divino mestre e Modelo de toda perfeição (cf. LG 40; 1Pd 2,21), o apóstolo exorta todos os cristãos: “Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram” (Rm 12,15).

Nos tempos modernos, outras mentalidades opõem-se à misericórdia, como aquela mencionada por S. João Paulo II:

A mentalidade contemporânea, talvez mais que a do homem do passado, parece opor-se ao Deus de misericórdia e, além disso, *tende a separar da vida e tirar do coração humano a própria idéia da misericórdia*. A palavra e o conceito de misericórdia parecem causar mal-estar ao homem, o qual, graças ao enorme desenvolvimento da ciência e da técnica nunca antes verificado na história, se tornou senhor da terra, a subjugou e a dominou. Um tal domínio sobre a terra... parece não deixar espaço para a misericórdia (Encíclica *Dives in misericordia*, 2).

Qual é a missão da Igreja, hoje em dia? Escutamos o papa Francisco:

A arquitrave que suporta a vida da Igreja é a misericórdia. Toda a sua ação pastoral deveria estar envolvida pela ternura com que se dirige aos crentes; no anúncio e testemunho que oferece ao mundo, nada pode ser desprovido de misericórdia (*MisV*, 10).

## **2. Misericórdia corporal na Igreja primitiva**

O nosso tema é: *A Misericórdia na Tradição da Igreja*. A Tradição começa com os apóstolos a partir de Pentecostes. A prática da misericórdia era presente na vida da Igreja desde o início. S. Lucas caracteriza a vida da Igreja primitiva em Jerusalém nestes termos: “Todos os que abraçavam a fé viviam unidos e possuíam tudo em comum; vendiam suas propriedades e seus bens e repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um” (At 2,44s; cf. 4,32-37).

Ora, as obras de caridade eram fruto da ação do Espírito Santo, a partir da Sua efusão no dia de Pentecostes. Uma prova disso (embora indireta e negativa) é a maneira como Simão Pedro qualificou a fraude de Ananias e Safira: “Ananias, porque encheu Satanás o teu coração *para mentires ao Espírito Santo*, retendo parte do preço do terreno?” (At 5,3). Dirigindo-se a Safira, dizia: “Por que vos pusestes de acordo *para tentar o Espírito do Senhor*?” (At 5,9).

A “diaconia” de misericórdia em favor das viúvas deu ocasião à instituição dos primeiros diáconos (cf. At 6,1-6; DCE 21).

De Jerusalém, a prática da caridade irradiou para as demais Igrejas locais:

Em *Antioquia*, o profeta Ágabo anunciou

uma grande fome por toda a terra – como de fato aconteceu no tempo do imperador Cláudio. Os discípulos, então *decidiram*, cada um segundo suas possibilidades, *mandar uma ajuda para os irmãos que viviam na Judeia*. Assim foi feito. E enviaram a ajuda aos anciãos, por meio de Barnabé e Saulo (At 11,28-30).

Quando Tiago, Cefas e João reconheceram a missão de Paulo e Barnabé para o apostolado entre os pagãos, pediam-lhes para se lembrar dos pobres (cf. Gl 2,9-10). S. Paulo cumpriu esse compromisso pessoalmente: “Vim trazer esmolas para o meu povo” em Jerusalém (At 24,17; cf. Rm 15,25) – e de maneira bem organizada. Aos *Coríntios* escreve: “Quanto à coleta em favor dos santos, segui-vos as normas que tracei para as igrejas de Galácia. Todo primeiro dia da semana, cada qual separe livremente o que tenha conseguido economizar...” (1Cor 16,1-4). Do mesmo tema da caridade ou solidariedade tratam dois capítulos da segunda carta aos Coríntios (2Cor 8-9), motivando a coleta pelos pobres em Jerusalém.

### **3. A prática da misericórdia no tempo patrístico**

A prática da misericórdia progrediu, alargando-se cada vez mais nos séculos posteriores.

A expressão de S. Inácio de Antioquia – no início do séc. II – que a Igreja de Roma “presidia à caridade”, não somente significa a centralidade da comunhão eclesial, mas tem uma dimensão caritativa (cf. DCE 22). A Igreja de Roma não limitou a sua ação caritativa ao âmbito de seu território e à assistência a cristãos romanos que viviam longe da sua comunidade.

O bispo Dionísio de Corinto escrevia ao papa Sotero (166-175):

Desde o início vós tendes o bonito hábito de *beneficiar todos os irmãos*, de *enviar ajudas a numerosas Igrejas* constituídas em cada cidade. É assim que aliviáis os necessitados, mediante as vossas ajudas, que já desde os primeiríssimos tempos continuais a enviar, e socorreis com o necessário os irmãos que desfa‘lecem nas minas. Sois romanos e guardais zelosamente as tradições dos vossos avós, os romanos (apud *Padres*, 24).

Entre os numerosos testemunhos de outras províncias do Império Romano está aquele deixado pelo bispo Dionísio de Alexandria (190-265). Ele louva o papa Estêvão (254-257) que, em nome da Igreja da urbe, enviava regularmente ajudas e socorros às Igrejas da Síria e da Arábia.

Ao cuidado dos bispos e das comunidades cristãs no tempo dos Padres, estavam obras como a ajuda aos cristãos presos ou condenados nos primeiros séculos, depois em favor dos encarcerados em geral; o resgate de prostitutas e de prisioneiros; o socorro às vítimas da usura; a sepultura para todos; o cuidado das viúvas e dos órfãos, como também dos enfermos (cf. *Padres*, 25s).

Durante a peste que atingiu Cartago e Alexandria no século III, os cristãos ganharam a admiração de todos pela coragem com que consolavam os moribundos e enterravam os mortos, enquanto os pagãos abandonavam até mesmo os amigos à sua terrível sorte (cf. Woods, 164).

Passamos ao séc. IV:

*S. Pacômio* (290-346), quando era ainda um soldado romano pagão, observava “como muitos dos seus companheiros romanos ofereciam comida e assistência aos que precisavam de ajuda, socorrendo-os sem qualquer discriminação”. Tendo descoberto que eram cristãos, admirou-se: “Que tipo de religião era aquela... que podia inspirar tais atos de generosidade e humanidade? Começou a instruir-se na fé e, antes de o perceber, já estava no caminho da conversão” (Woods, 159). *S. Pacômio* era fundador da vida cenobítica no Egito. A esse respeito, o papa Bento XVI lembrou:

Em meados do século IV, ganha forma no Egito a chamada *diaconia*, que é, nos diversos mosteiros, a instituição das atividades assistenciais, pelo serviço precisamente da caridade. A partir desses inícios, desenvolve-se, até o século VI, no Egito, uma corporação com plena capacidade jurídica, à qual as autoridades civis confiam, mesmo, uma parte do trigo para a distribuição pública. No Egito, não só cada mosteiro, mas também cada diocese acabou por ter a sua *diaconia* (DCE, 23).

Os Padres da Igreja enriqueceram a Igreja não somente por seu ensinamento, mas também dedicaram-se pessoalmente ao serviço dos pobres e necessitados:

*Santo Efre*m (306-373), diácono e doutor da Igreja, viveu como eremita nos arredores de Edessa. Quando a fome e a peste se abateram sobre a cidade, coordenou a coleta e distribuição de esmolas, fundou hospitais, cuidando dos doentes e dos mortos.

*São Basílio Magno* (329-379), coluna da Ortodoxia no seu tempo, era ao mesmo tempo tido apóstolo das esmolas. Ele fundou um hospital em Cesaréia. Era conhecido por abraçar os leprosos miseráveis que ali buscavam alívio.

*São João Crisóstomo* (349-407) fundou uma série de hospitais em Constantinopla.

*Santo Agostinho* (354-430) fundou um albergue para peregrinos e escravos em fuga e distribuiu roupas entre os pobres.

Assim, a partir do séc. IV, a Igreja começou a patrocinar a fundação de hospitais em larga escala, em quase todas as principais cidades. Na sua origem, esses hospitais tinham por fim “hospedar” estrangeiros, mas depois passavam a cuidar dos doentes, viúvas, órfãos e pobres em geral (cf. Woods, 164-167).

Ainda no primeiro milênio cristão a Igreja tornou-se protagonista na educação gratuita da juventude, dos pobres até o ensino superior. As primeiras Universidades nasceram “ex corde Ecclesiae”. O *Catecismo da Igreja Católica* menciona, entre as obras de misericórdia espiritual, a instrução, e até coloca-a em primeiro lugar (cf. CIC 2447).

#### **4. A prática da misericórdia a partir da Idade Média**

O que dizer dos tempos posteriores? É impossível indicar todos os tipos de prática de misericórdia corporal e espiritual suscitadas pelo Espírito de Cristo em cristãos de toda condição civil e eclesiástica, por iniciativa pessoal ou como missão aprovada pela Igreja.

Ainda na Antiguidade temos o exemplo de Sta. *Fabiola*, viúva rica, fundou o primeiro grande hospital público em Roma; percorria as ruas em busca de homens e mulheres pobres e enfermos necessitados de cuidados (cf. Woods, 166). A partir do séc. IX, cada paróquia (no Ocidente) tinha organizado o auxílio aos pobres e possuía um registro dos que recebiam ajuda; tudo era subsidiado pela quarta parte dos dízimos e metade das doações feitas à paróquia.

“Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15,13). O novo mandamento da caridade – amai-vos uns aos outros como Eu vos amei (Jo 13,34) – encontrou inúmeras expressões na Tradição e vida da Igreja, a começar com o diácono e protomártir S. Estêvão que, morrendo, intercedeu por seus assassinos (cf. At 7,30).

No 2º milênio foram fundados os Trinitários (em 1198), os Mercedários (em 1223) para “resgatar” cristãos cativos e escravos nos países muçulmanos. Os membros religiosos ofereciam-se para substituí-los, correndo risco de morte. Semelhante heroísmo em contexto diferente constituiu o empenho dos jesuitas Pe. Manuel da Nóbrega e do Ir. José de Anchieta (ainda não sacerdote), em 1563, durante a revolta dos Tamoios. Conscientes do perigo para a sua vida, iam ao encontro deles sem proteção militar – ficando entre eles durante meses –, para obter a paz.

A Igreja era protagonista no cuidado dos doentes de todo tipo, inclusive doentes mentais, e na promoção de terapias adequadas. Pensamos em S. João de Deus e S. Camilo de Lellis e nos Institutos religiosos por eles fundados. “Ao longo dos séculos, muitas foram as pessoas consagradas que *sacrificaram a sua vida* ao serviço das vítimas de doenças contagiosas, mostrando que pertence à índole profética da vida consagrada a dedicação até ao heroísmo”, escrevia o papa S. João Paulo II (Exortação Apostólica *Vita consecrata*, de 25 de Março de 1996, n. 83).

Os institutos religiosos atuam em nome da Igreja que aprovou o seu carisma e sua missão. Por isso, o seu carisma fundacional, suscitado pelo Espírito Santo, pertence à Tradição da Igreja.

### **III. A mensagem da parábola do filho pródigo**

Voltemos ao Evangelho, meditando sobre a parábola do filho pródigo, ou seja, do Pai misericordioso (Lc 15,11-32). Começamos com a exegese de S. Agostinho – eminente testemunha da Tradição da Igreja universal – que merece atenção por abrir os horizontes universais da Misericórdia de Deus que abrange a inteira história do gênero humano, desde os primeiros pais no paraíso. A parábola contém uma mensagem tanto para os pecadores – que somos todos nós – como também para o ministério da reconciliação exercido pelos confessores.

#### **1. A interpretação de S. Agostinho**

A Parábola é bem conhecida e um pouco longa para ser referida aqui. Apresentamos logo a exegese de S. Agostinho com referência a alguns trechos do texto:

O homem que tem dois filhos é **Deus** que tem dois povos: o filho mais velho é o povo dos judeus, o mais novo é o povo dos pagãos.

As substâncias recebidas por parte do Pai são a alma, a inteligência, a memória, o engenho e todas as faculdades que Deus nos deu para O conhecer e adorar.

Tendo recebido este patrimônio, o filho mais novo *viajou para um lugar distante*, ou seja, passou a esquecer-se do seu Criador (*Sermão 112*, apud: *Padres*, 62).

Talvez S. Agostinho tenha se lembrado da própria biografia, antes da conversão para a fé cristã e o Batismo recebido das mãos de S. Ambrósio de Milão. Continua a descrever o arrependimento do filho, seu retorno e a acolhida da parte do Pai:

Compreendeu finalmente a que condição ficou reduzido, o que tinha perdido, quem tinha ofendido e em poder de quem se sujeitara e voltou a si mesmo; primeiro voltou a si mesmo e depois voltou para o Pai... Levantou-se e regressa...

O **Pai** o vê ao longe e vai ao encontro dele... Oh, como o perdão de Deus está próximo de quem se confessa pecador! Deus de fato não está longe daqueles que têm o coração contrito... *Estando longe ainda* - diz o Evangelho -, *o Pai, cheio de misericórdia, correu ao seu encontro*. Porque se moveu de misericórdia? Porque o filho estava já esgotado pela miséria.

*Correu ao encontro dele e lançou-se-lhe ao pescoço*, lançou-lhe o braço ao pescoço. O braço do Pai é o **Filho**; deu-lhe a possibilidade de levar Cristo: este peso não oprime, mas eleva. *O meu jugo* - disse Cristo - *é leve e o Meu peso suave*... Pelo fato de o Pai se lançar ao pescoço do filho, ele levantou-o, não o oprimiu; honrou-o, não o onerou. De que modo, porém, o homem é capaz de levar Deus, senão porque é Deus que o leva quando é elevado?

O Pai ordena que tragam a melhor veste *que Adão tinha perdido*, pecando. Depois de já ter acolhido o filho pelo perdão e depois de o ter beijado, ordena que lhe tragam a veste, ou seja, a esperança da imortalidade mediante o Batismo. Ordena que lhe ponham o anel, isto é, o penhor do **Espírito Santo** e as sandálias nos pés para a prontidão de anunciar a mensagem evangélica da paz [cf. Ef 6,15]...

E é o que Deus faz através dos Seus servos, isto é, dos ministros da Igreja. Será que dão a veste, o anel e as sandálias da sua propriedade? Estes apenas devem desempenhar um serviço, realizar um dever; aqueles bens dá-os Aquele de cujo seio misterioso e de cujo tesouro saem..." (*Sermão 112*, apud: *Padres*, 62-65).

## **2. O dinamismo da conversão no penitente**

S. Agostinho menciona o sacramento do Batismo. Mas a parábola ilumina igualmente o sacramento da Reconciliação. No “filho pródigo” – neste caso é o penitente – a própria preparação para receber o sacramento é já dom do Espírito Santo (cf. CIC 1098). Como Espírito da Verdade, Ele revela-lhe o pecado e, como Consolador, “dá ao coração do homem a graça do arrependimento e da conversão” (CIC 1433).

Eis como o *Catecismo da Igreja Católica* explica o caminho de conversão, a que todos os cristãos são chamados (cf. CIC 1430-1433):

*O dinamismo da conversão e da penitência* foi maravilhosamente descrito por Jesus na parábola do “filho pródigo”, cujo centro é o Pai misericordioso:

o fascínio de uma liberdade ilusória, o abandono da casa paterna;

a extrema miséria em que se encontra o filho depois de esbanjar sua fortuna;

a profunda humilhação de ver-se obrigado a cuidar dos porcos e, pior ainda, de querer matar a fome com a sua ração;

a reflexão sobre os bens perdidos;

o arrependimento e a decisão de declarar-se culpado diante do Pai;

a alegria do Pai: tudo isso são traços específicos do processo da conversão.

A bela túnica, o anel e o banquete da festa são símbolos desta nova vida, pura, digna, cheia de alegria, que é a vida do homem que volta a Deus e ao seio de sua família, que é a Igreja.

Só o Coração de Cristo que conhece as profundezas do amor do Pai pôde revelar-nos o abismo de Sua misericórdia de uma maneira tão simples e tão bela (CIC 1439).

## **3. O ministério do confessor**

À luz da parábola explicada por S. Agostinho, os confessores são servos do Pai. Ao mesmo tempo, Jesus Cristo, o Senhor Morto e Ressuscitado, deu-lhes um dom particular do Espírito Santo (cf. Jo 20,22s) a saber, o poder de perdoar os pecados, *in persona Christi et Dei*. Assim, o ministro da Misericórdia de Deus por excelência é o sacerdote, o confessor.

Escreve o papa Francisco, na Bula *Misericordiae vultus*:

Ser confessor não se improvisa. Tornamo-nos tal quando começamos, nós mesmos, por *nos fazer penitentes em busca do perdão*. Nunca esqueçamos que ser confessor significa participar da mesma missão de Jesus e ser sinal concreto da continuidade de um amor divino que perdoo e salva. Cada um de nós recebeu o dom do Espírito Santo para o perdão dos pecados; disto



somos responsáveis. Nenhum de nós é senhor do sacramento, mas apenas servo fiel do perdão de Deus.

Cada confessor deverá acolher os fiéis *como o Pai na parábola do filho pródigo*: um pai que corre ao encontro do filho, apesar de ter dissipado os bens...

Não nos cansemos de ir também ao encontro do *outro filho* que ficou e fora incapaz de se alegrar, para lhe explicar que o seu juízo severo é injusto e sem sentido diante da misericórdia do Pai que não tem limites.

Não hão de fazer perguntas impertinentes, mas como o Pai da parábola... saberão individualizar, no coração de cada penitente, a invocação de ajuda e o pedido de perdão.

Em suma, os confessores são chamados a ser sempre, e por todo o lado, em cada situação e apesar de tudo, o sinal do primado da misericórdia (*MisV*, 17,4; cf. CIC 1465).

O *Catecismo da Igreja Católica* pede ao também confessor uma obra de misericórdia ligada a este sacramento: “orar e fazer penitência” pelo penitente (CIC 1466). Esta dimensão do ministério viveu-a de maneira original, São Leopoldo Mandic (1866-1942), humilde frade capuchinho. Ele passou durante bem 30 anos umas 10 a 15 horas por dia no confessionário. Acolhia a todos, confortando-os com a certeza da ilimitada misericórdia de Deus. Depois de ter perdoado os penitentes, dizia: “A penitência, cumpri-a eu!” (*Santos*, 31). E ele a cumpriu, passando no próprio coração “um contínuo e desconfortante temor do juízo de Deus, ainda que admitisse humildemente nunca ter cometido um pecado grave” (*Santos*, 30). Assim fazia companhia a Cristo agonizante no Horto e sobre a Cruz.

Todos os cristãos de qualquer estado e condição, e não somente os ministros ordenados e as pessoas consagradas a Deus, Jesus quer associar a Seu Sacrifício redentor (cf. CIC 618). Ao mesmo tempo somos beneficiários deste Sacrifício de reconciliação, pois os pecados atingem o próprio Cristo, causando os Seus sofrimentos (cf. CIC 598).

São Paulo nos convida a termos “o mesmo sentir e pensar que em Cristo Jesus” (Fl 2,5). Ele sofreu por nós deixando-nos um exemplo, para que sigamos os Seus passos, sendo curados por Sua feridas (cf. 1Pd 2,19-24).

Michael Silberer ORC

## Abreviações:

- CIC *Catecismo da Igreja Católica*. Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim, São Paulo: Loyola 1999.
- DCE PAPA BENTO XVI, Encíclica *Deus caritas est* sobre o amor cristão, 25/12/2005.
- DomV* S. JOÃO PAULO II, Encíclica *Dominum et Vivificantem ...*, 18/5/1986
- DV CONCÍLIO VATICANO II, Constituição dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação divina
- LG CONCÍLIO VATICANO II, Constituição dogmática *Lumen gentium* sobre a Igreja
- MisV* PAPA FRANCISCO, Bula de proclamação do Jubileu extraordinário da Misericórdia *Misericordiae vultus*, 11/4/2015.
- Padres* CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO: *Os Padres da Igreja e a Misericórdia. Jubiléu da Misericórdia 2015-2016*, São Paulo: Paulus 2016.
- Santos* CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO: *Os Santos e a Misericórdia. Jubiléu da Misericórdia 2015-2016*, São Paulo: Paulus 2016.
- Suma teol.* TOMÁS DE AQUINO, *Suma teológica*, IX voll., São Paulo: Loyola 2001-2006.
- Woods Thomas E. WOODS Jr., *Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental*, tradução de Élcio Carillo, São Paulo: Quadrante 32010.

# Índice

<b>Introdução: O que é a Tradição da Igreja? .....</b>	<b>72</b>
<b>I. O Espírito Santo manifesta e personifica a Misericórdia divina... 73</b>	
1. A Misericórdia é a raiz de todas as obras de Deus.....	73
2. Mistério trinitário da Misericórdia divina.....	74
3. Misericórdia e Onipotência de Deus.....	75
4. A Misericórdia divina nos Sacramentos.....	78
<b>II. A Misericórdia na missão e na vida da Igreja .....</b>	<b>78</b>
1. A novidade da Misericórdia evangélica .....	79
2. Misericórdia corporal na Igreja primitiva .....	80
3. A prática da misericórdia no tempo patrístico .....	81
4. A prática da misericórdia a partir da Idade Média .....	83
<b>III. A mensagem da parábola do filho pródigo.....</b>	<b>84</b>
1. A interpretação de S. Agostinho.....	84
2. O dinamismo da conversão no penitente .....	86
3. O ministério do confessor .....	86
<b>Abreviações: .....</b>	<b>88</b>